

EDUCAÇÃO

e

TECNOLOGIA



Revista do Instituto Politécnico da Guarda

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

Propriedade
Instituto Politécnico da Guarda

Director
Álvaro Bento Leal

Redacção
Serviços Centrais do I.P.G.
Av. Dr. Francisco Sá Carneiro nº 50 * 6300 Guarda
Telef. (071) 222634 * Telecópia (071) 222690

Composição
Gabinete Editorial do I.P.G.

Execução Gráfica e Impressão
Secção de Reprografia do I.P.G.

Periodicidade
Semestral

Tiragem
1.000 ex.

Depósito Legal
nº 17.981/87

Capa: Grafismo de José Carlos Miranda

nº XVII * Fevereiro de 1996

Um contributo válido

A Revista "Educação e Tecnologia ", com esta edição, apresenta o seu décimo sétimo número, cumprindo a sua periodicidade.

Nesta breve nota introdutória entendi oportuno fazer referência às colaborações com que esta publicação tem contado; sobretudo ao apoio daqueles que optando pela carreira académica, aqui se formaram, a partir daqui desenvolveram a evolução lógica dessa mesma carreira e a este Instituto Politécnico estão a dar o seu próprio contributo, construindo assim um autêntico espírito de escola — que sempre defendi — assegurando, ainda a estabilidade do corpo docente das duas Escolas Superiores que, actualmente, integram o Instituto Politécnico da Guarda.

É importante não esquecer que a nova realidade resultante da publicação dos estatutos do Instituto Politécnico, bem como da Escola Superior de Educação e da Escola Superior de Tecnologia e Gestão, exige uma participação colectiva, um empenhamento diário, uma postura profissional e responsável que possa responder, cabalmente, às exigências actuais e aos desafios futuros.

Apostamos numa educação e num ensino com qualidade, apostamos no desenvolvimento desta região, certos de que estamos a dar o nosso contributo para o desenvolvimento do todo nacional. E esse contributo passa também pela divulgação de trabalhos de pesquisa e investigação, resultado da experiência profissional de cada um, e igualmente pela apresentação de trabalhos com carácter pedagógico ou informativo, dentro dos parâmetros e do espírito da nossa Revista, que continuará a ser um desafio semestral.

Álvaro Bento Leal
Presidente do IPG

Predestinação e Linhagem n'A Demanda do Santo Graal

Dulce Helena Morgado Raimundo*

1- Se ao cavaleiro estão, na maior parte das vezes, associadas qualidades como a coragem e a magnanimidade, sendo o seu desempenho no campo de batalha aquele que surge com superior nitidez, muitos outros aspectos merecem ser postos em relevo quando está em causa uma configuração detalhada dos que se dedicam à busca do Graal. Destacaremos, nesta circunstância, dois elementos que, rivalizando em interesse e valor, não devem, do nosso ponto de vista, surgir dissociados daqueles que enveredam pelo difícil trilho que conduzirá ao tão almejado Graal - a linhagem e a predestinação.

2- Exemplo profícuo que traduz a importância de tais elementos quando surgem sabiamente conjugados, é-nos, aliás, facultado por intermédio daquele que se institui como obra de reconhecido mérito no âmbito da "matéria arturiana" - O Conto do Graal. De facto, o seu versátil autor - considerado por Zumthor "...un des plus illustres du moyen âge" (1)- ao urdir com mestria tão complexa quanto bem elaborada trama em torno de dois cavaleiros que demandam aventuras (Perceval e Gauvain),

Revista "Educação e Tecnologia" * Vol. XVII, Fevereiro de 1996

* Assistente na E.S.T.G.
(1) Zumthor, 1972:475.

demonstra claramente quão frutífera pode resultar essa ligação que pode estabelecer-se entre linhagem e predestinação.

Não é, na verdade, necessário que o leitor proceda a uma exaustiva análise, para constatar a importância assumida pela linhagem no que a Perceval diz respeito: ao grande mérito cavaleiresco de seu pai e ao prestígio da linhagem a que pertence a mãe - claramente sublinhados por esta última (C.G., 106:416-419 e 423-426) - associam-se outros elementos veiculados pela voz autorizada de um ermitão (C.G., 400:6415-6419) que confirmam que "...Perceval n'est pas n'importe qui: par sa mère, il est de la même race que le Roi Pêcheur, qui est son cousin; il a pour oncles le père de ce Roi et l'ermite du Vendredi Saint" (2). Mas se a linhagem a que pertence o arrasta para as virtudes da cavalaria (3), julgamos ser pertinente que desta não se dissocie o facto de Perceval ser um predestinado. Assim, se Jean Frappier se interroga acerca das intenções que moveram Chrétien a conceder a Perceval o estatuto de herói predestinado (4), a verdade é que não deixa também de apontar para duas passagens da obra nas quais está implícito um destino marcado pela excepcionalidade. De facto, se, por um lado, uma donzela que não sorria há mais de sete anos o faz assim que vê Perceval, assegurando que não haverá no mundo melhor cavaleiro que ele (C.G., 137:1039-1045) (5), por outro, é-lhe entregue uma espada que lhe estava exclusivamente destinada (C.G., 239:3167-3168). Para Frappier, "*Même si de tels indices semblent légers et n'autorisent pas de conclusion ferme, Perceval prend au moins l'apparence d'un libérateur attendu par tout un lignage. L'espérance de sa venue, et peut-être de son retour, était de nature à entraîner l'idée de sa prédestination*" (6). Ainda que consideremos legítimas as conclusões de Frappier, julgamos também oportuno não desprezar, no que à predestinação diz respeito, um episódio que se nos afigura sobejamente revelador. Assim, e ainda antes de ter sido ministrado qualquer ensinamento a Perceval acerca do manejo das armas, "*...il comença a porter/ si a droit la lance et l'escu/com s'il eüst toz jors veschu/en tonoiments et en guerres/et alé par toutes les terres/querant bataille et aventure;/car il li venoit de nature*" (C.G., 160:1474-1480). Parece-nos que este é mais um indicio de interesse que torna perfeitamente plausível que Perceval possa ser encarado como um predestinado. Deste modo, e sendo a linhagem um elemento que, à partida, o condicionava positivamente a ser cavaleiro de mérito, a predestinação revela-se importante enquanto elemento que reforça a sua aptidão para

(2) Frappier, 1954:174.

(3) Duby, 1989:25

(4) Frappier, 1954:174.

(5) Cumpre-se, assim, a profecia do boio que garantira múltiplas vezes na corte "Ceste pucele ne rira/jusqu'atant que ele verra/celui qui de chevalerie/avra toute la seignorie" (C.G., 138:1059-1062).

(6) Frappier, 1954:174.

cumprir proezas cavaleirescas, lançando-o decisivamente no caminho da aventura. Linhagem e predestinação não surgem, deste modo, como elementos isolados mas complementam-se, apontando para determinado perfil do cavaleiro.

3- Que a linhagem pode funcionar, também, como móbil criador de expectativas no que ao leitor diz respeito, demonstra-o, por seu turno, Perlesvaus, uma original e complexa obra⁽⁷⁾ de autor anónimo. Aí se pode colher, de facto, um interessante exemplo: sendo fornecidas em profusão, logo no início da narrativa, informações acerca da linhagem do protagonista - pertence à linhagem de José de Arimateia (P, I:3)⁽⁸⁾, o rei Pescador e o Rei Peles são seus tios (P, I:4)⁽⁹⁾ e toda a linhagem por parte de seu pai possui grande mérito (P, I:4)⁽¹⁰⁾ - pretende-se com isso atestar que se tratará também de destacado cavaleiro; no entanto, a revelação tão pomenorizada da sua linhagem constitui ainda uma hábil estratégia adoptada pelo narrador no intuito de despertar expectativas consideráveis relativamente à personagem em causa. Assim, após ter facultado as informações referidas e assegurar que do cavaleiro "...ya oiréis el nombre y el comportamiento" (P, I:5), não mais volta ao assunto e deixa o leitor em suspenso até à Rama VII, altura em que, pela primeira vez, Perlesvaus entra em acção. Importa, pois, sublinhar que, quer neste caso, quer no respeitante ao Conto do Graal, pode atribuir-se responsabilidade considerável à linhagem (associada à predestinação ou funcionando isoladamente) no que à caracterização do cavaleiro demandador do Graal diz respeito. É, porém, na obra que constitui objecto do nosso estudo que a linhagem e a predestinação assumem mais complexos e interessantes matizes. De facto, e ainda antes do início da busca do Santo Graal, múltiplas referências apontam já para o peso assumido pela linhagem. Assim, e sem que tenha dado ainda qualquer prova do seu mérito, um grupo de cavaleiros surge, desde logo, caracterizado por destacados e invulgares atributos em virtude de comungar da honra de pertencer a uma linhagem em particular - a linhagem do rei Bam. Na realidade, importantes características desta última são, desde o início, claramente postas a nu: o espírito de coesão do grupo que sempre se esforçava por se manter unido (D.S.G., XXXVII:23/16-18); o seu enorme prestígio

(7) "Una obra grandiosa por su construcción, poderosa en sus significados todavía oscuros" (Ciriot, 1987:395).

(8) Tal é confirmado posteriormente, cf.P, V:69 e VII:119.

(9) Conferir ainda P,VIII:187 e XI:322.

(10) Informações acerca do seu pai e dos seus tios são ainda facultadas na Rama III, pag.42 e Rama VIII, pag.188. É, aliás, curioso que o facto de um dos seus tios - o "rey del castillo mortal" - ser um representante do Mal contribua, também, para engrandecer os restantes elementos da sua linhagem: "Joséfos nos recuerda que nadie se debe maravillar si tiene tres o cuatro hermanos carnales y uno es malvado. Dice que maravilla es cuando el malvado no empeora al resto pues la maldad es agria, áspera y engañosa, y gentileza e humildad se encuentran en la bondad" (P, IX:229).

conhecido em todo o reino de Logres (D.S.G., XXXVII:23/21-24) e a lealdade para com o rei Artur⁽¹¹⁾, ocorrendo prontamente para o vingar dos seus inimigos (D.S.G., XXXVII:23/26-27). Se tais referências não autorizam que se sejam julgamentos definitivos acerca da relevância da linhagem, sendo o alcance de tais características apenas susceptível de ser atestado ao longo da Demanda, um outro indício contribui para que se possa apontar *ab initio* para a relação que importa estabelecer entre a busca do Santo Graal e a linhagem dos que nela intervêm. Na verdade, se o narrador opta por proceder a pormenorizada descrição dos que partiram, tal se revela oportuno para vinciar a linhagem a que os cavaleiros pertencem, sendo de novo enfatizado o prestígio da linhagem do rei Bam (D.S.G., XXXIX:25/19-20) sobretudo quando comparada à outra linhagem destacada - a linhagem do rei Branco -, cujos elementos, apesar de possuírem reconhecido mérito, a não conseguiam igualar (D.S.G., XXXIX:26/3-5). A linhagem surge, pois, intrinsecamente ligada à "boa cavalaria", apontada como apanágio daqueles que empreendem a busca do Santo Graal. Se, para além de serem companheiros da Távola Redonda, os que pertencem a elevada linhagem parecem reunir as condições ideais para se votarem a uma busca pautada pela invulgaridade, é necessário sublinhar que a linhagem do rei Bam alcançará, ao longo da Demanda, uma dimensão considerável enquanto grupo. De facto, após o início da busca do Santo Graal, um poderoso manancial de informações garante a descoberta de traços de relevo que possibilitam a caracterização desse grupo de cavaleiros com algum pormenor. São múltiplas as situações que permitem destacar tais traços. Assim, ainda que seja bem sucedido na batalha que trava com Tristam, Palomades, não sabendo com quem lutou, teme que se trate de Lançarot cuja poderosa linhagem decerto o vingaria (D.S.G., CCCLXXVII:260/1-3); o conde Bedoin, por seu lado, não quer que os seus matem Boorz porque tem a certeza que o rei Artur e a linhagem do rei Bam não deixariam de vingar tal morte (D.S.G., DXXIX:361/27-31). Que estamos perante um grupo coeso e temido pelo valor que possui confirma-o, também, quando já vai longo o percurso aventureiro dos cavaleiros, a decisão de que o rei Artur tome tardiamente conhecimento do amor de Lançarot por Genevra; é que muitos temem a linhagem do rei Bam "...ca sabem que o nom dirá/tal que morte nom prenda" (D.S.G., DCXXXII:430/21-22). Revestem-se ainda de importância, no momento de tomar tal decisão, os juízos de valor emitidos por Galvam e Gaarlet, já que reforçam sobremaneira o prestígio e o poder inerentes aos membros da linhagem antes mencionada. De facto, enquanto o primeiro realça que dificilmente alguém conseguirá derrubar tão bons cavaleiros

(11) Note-se, aliás, que o rei Artur tem também em elevada consideração os membros desta linhagem pois "...este era o/linhagem do mundo que mais amava afora o seu" (D.S.G., XXXVII:23/29-30).

(D.S.G., DCXXXIII:430/30-32), o segundo sublinha serem bastante fortes os laços que unem tal linhagem aos restantes membros da Távola Redonda (D.S.G., DCXXXIV:431/17-19)⁽¹²⁾. Consideramos, finalmente, relevante, o conselho que o rei Hion dá ao rei Artur quando, tendo este a certeza do amor adúltero de Lançarot e Genevra, pretende iniciar uma batalha contra Lançarot e os que o ajudaram. Na verdade, e apesar de concordar que a honra do monarca deve ser vingada, o rei Hion desaconselha vivamente que se inicie uma guerra contra a linhagem do rei Bam⁽¹³⁾, pois Nosso Senhor colocou-a acima de todas as outras linhagens (D.S.G., DCLIV:445/18-20). Assim, se a linhagem do rei Bam se institui enquanto grupo temido pelos demais, tanto em virtude do mérito que possui como pelo espírito de salutar união por que se norteia - que a impede de pactuar com os ultrajes infligidos aos seus membros, acorrendo em seu auxílio quando necessário -, importa realmente sublinhar essa outra característica que o discurso das personagens põe em relevo: a ligação desse grupo a Deus. De facto, sendo as restantes informações já postas em relevo um claro testemunho da "*boa cavalaria*" praticada pela linhagem do rei Bam (ênfaticada, aliás, ainda antes da partida dos cavaleiros), é essa ligação a Deus que nos permite considerar - embora provisoriamente - que este grupo reúne condições especiais que favorecem o sucesso da descoberta das "*espirituais cousas*".

4- Se julgámos pertinente sublinhar, em primeiro lugar, a excepcionalidade da linhagem do rei Bam considerada enquanto grupo, à qual são atribuídos traços que ultrapassam, por vezes, os limites do humano, procuraremos, em segundo lugar, demonstrar como esta se revela, também, enquanto força instigadora de um sentimento bem humano que caracteriza alguns dos cavaleiros que aspiram ao Santo Graal - a inveja. Assim, quando cinco cavaleiros da Távola Redonda (Caulac, Senela, Baradam, Damas e Damatal), em dado momento do seu percurso de aventuras, se cruzam com Blioberis e Galaaz, o narrador põe imediatamente em relevo que os primeiros não só odiavam a linhagem do rei Bam pelo facto do rei Artur lhes ter maior estima (D.S.G., CCCII:277/22-24), como também invejavam a riqueza e prestígio de tal linhagem que julgavam igualmente merecer (D.S.G., CCCII:277/26-29). E se Blioberis confirma posteriormente diante de Galaaz que Caulac, Senela, Baradam, Damas e Damatal sucumbiram sem remédio à inveja (D.S.G., CCCII:278/23-25),

(12) Repare-se, a propósito que Gaarlet destaca também "...que nunca se homem tomará com/a linhagem de rei Bam que a boa clima en possa vir" (D.S.G., DCXXXVII:434/12-13).

(13) Note-se, aliás, que tais recelos são fundados já que, posteriormente, o narrador dá conta dos confrontos que envolviam Lançarot e linhagem do rei Bam com o rei Artur, afirmando que "... os da linhagem do rei Bam eram de tam grande/bondade d'armas que el-rei nem seus homens nem lhys pudiam durar que nom/perdessem l multo cada vez que se juntavam a esto era mul a meude" (D.S.G., DCLXIV: 450/23-25).

importa, desde logo, sublinhar que se cava igualmente uma distância maior entre a linhagem do rei Bam e os demais cavaleiros, pois, apesar de serem todos companheiros da Távola Redonda, o poder que detêm e o prestígio de que gozam tanto do monarca são inegavelmente maiores. Que a inveja se institui em pernicioso sentimento que move alguns dos que buscam o deleite de partilhar do supremo manjar que o Santo Graal constitui fica ainda bem patente quando Amati, Gamenor e Arpio, ao pernoitarem, por coincidência, no mesmo local que Blioberis e Galaaz, tomam conhecimento, através do primeiro, do mérito deste último (D.S.G., CCCCXV:280/12-13). Assim, se prontamente tomam a decisão de "provar" se é tão bom cavaleiro como dizem (D.S.G., CCCCXV:280/19-20) tal se deve ao facto de nutrirem pela linhagem do rei Bam nefasta inveja (D.S.G., CCCCXV:280/13-14). Esta última assumirá, aliás, contornos mais nítidos quando corroborada *a posteriori* - e já após Galaaz haver infligido pesada derrota aos três irmãos (D.S.G., CCCCIX:282-283) - por uma donzela que o acompanhava que lhe aponta precisamente a inveja da Mesa Redonda (D.S.G., CCCCIX:283/8), elucidando que aos invejosos não resta senão contentarem-se com a vergonha (D.S.G., CCCCIX:283/8-9)⁽¹⁴⁾. Assim, quer por intermédio de informações facultadas pelo narrador, quer, sobretudo, através do discurso de várias personagens, é possível inferir que, apesar do mérito que demonstram no campo de batalha, alguns dos companheiros da Távola Redonda, quando agem instigados pela inveja que a linhagem do rei Bam lhes suscita, revelam a sua humana fraqueza⁽¹⁵⁾ e o desejo, bem terreno, de gozar de considerável prestígio perante os que os rodeiam⁽¹⁶⁾.

5- Se, tendo como ponto de partida a importância assumida pela linhagem n'A Demanda do Santo Graal, considerámos os cavaleiros enquanto grupo, perspectivando-os na sua globalidade, apontando para o facto de surgirem revestidos de um prestígio e valor inerentes à linhagem a que pertencem, procuraremos seguidamente sublinhar a forma como cada cavaleiro, enquanto

(14) Repare-se, aliás, que a inveja que os move é de tal forma intensa que, encontrando posteriormente outros dois cavaleiros da linhagem do rei Bam (Danubre e Acorant) manifestam imediatamente o desejo de se vingarem da derrota que lhes infligira Galaaz (D.S.G., CCCCX:283/27-29), servindo, de qualquer modo, tal situação para o narrador vincar que "...estes dois irmãos que all morrerom foram os primeiros/doo cavaleiros do linhagem de rei Bam que morrerom na demanda do/Santo Graal" (D.S.G., CCCCX:283/27-29).

(15) Note-se, a propósito, que, na perspectiva de Massaud Moisés, o cavaleiro conduz um drama dentro de si "...gerado pelo poderoso conflito entre o ideal soberbo a atingir e a sua insignificância humana", resolvendo-se tal drama plasticamente no combate (Moisés, 1951:105).

(16) Esse desejo começa, aliás, a ficar patente logo que Caulac, Sencla, Baradam, Damas e Damatal, identificando Galaaz e Blioberis como pertencentes à linhagem do rei Bam, tomam a decisão de os matar: "...e se estes matarmos, valrá menos seu linhagem e o nosso mais" (D.S.G., CCCCII:278/2). Amati, Gamenor e Arpio, por seu lado, norteados pelo mesmo objectivo - retirar prestígio à linhagem do rei Bam - dispõem-se, desde logo, a matar Galaaz: "...e se o nos desbaratarmos, para sempre/abalxaremos por l o linhagem de rei Bam" (D.S.G., CCCCXV:280/21-22).

elemento isolado que busca a aventura, pode contribuir para enaltecer ou desacreditar a linhagem que lhe é própria. Exemplo claramente indiciador de que tal acontece é, aliás, fornecido antes do início da Demanda; assim, se quando Lançarot, considerado por todos o melhor cavaleiro do mundo (D.S.G., XI:7/17), se recusa a retirar a espada do "padram" que aparece a flutuar no mar, os cavaleiros da linhagem do rei Bam manifestam imediatamente profundo pesar (D.S.G., XI:7/22-23), tal reacção traduz justamente essa estreita dependência entre as acções que leva a cabo e a linhagem em que se insere. Mas são Erec e Estor de Mares, ambos também da linhagem do rei Bam, que permitem já acentuar, de forma nítida, a responsabilidade inerente ao grupo de que fazem parte⁽¹⁷⁾. De facto, o primeiro, tomando conhecimento através de uma emparedada, que morrerá na Demanda, manifesta desde logo a sua satisfação, já que a sua linhagem ganhará mais honra com tal morte do que de qualquer outra forma (D.S.G., CCCIV:215/24); o segundo, quando já vai longa a sua caminhada, ao verificar que lhe não é concedida a entrada no Paço Aventuroso, parte, por seu lado, "...mal dizendo a ora en que fora nado e en que fora cavaleiro e en que/trouxera armas, ca sua linhagem en que avia os melhores cavaleiros do/mundo ja mais nom averám onra por ele mais desonra e viltança" (D.S.G., DLI:377/13-15). E se a morte do primeiro não fará senão acrescentar honra à sua linhagem enaltecendo-a, o acontecido ao segundo revela já como a conduta adoptada pelo cavaleiro ao longo do seu percurso acabará por se reflectir em todos os da linhagem a que pertence. Boorz e Lionel - também cavaleiros da linhagem do rei Bam - corroboram, aliás, fortemente que tal se verifica. Assim, não tendo Lionel levado a bom termo a vingança que arquitectara contra seu irmão, devido a intervenção divina, Boorz lança-lhe em rosto a sua má conduta, rogando-lhe por Deus e pela honra da sua linhagem que não volte a cometer acto semelhante (D.S.G., CLXXX:125/9-11). Contrastando sobremaneira com o procedimento de Lionel, a conduta adoptada por Boorz na Demanda, garante, por seu lado, o engrandecimento da sua linhagem. De facto, quando, após um tão longo quanto bem sucedido percurso pleno de aventuras, Boorz regressa ao reino de Logres "...nunca por homem virom tam gram/ledice en uu logar, ca muito era amado no regno de Logres de todos e/de todas. Mas o prazer que ende avia a linhagem de rei Bam nom avia/par, ca tia en seu bando uu dos milhores cavaleiros do/mundo..." (D.S.G., DCXXXI:429/26-30).

Dos exemplos apontados pode, pois, concluir-se que a conduta do cavaleiro acarreta responsabilidade sobeja no que à

(17) Note-se, aliás, que tal fica também claramente expresso nas palavras que o rei Artur dirige a Elain o Branco, ainda antes de ter sido incluída a demanda: "Filho, muito sodes fremoso mas Deos por/sua bondade vos faça semelhar em cavallaria o vosso linhagem de rei/Bam" (D.S.G., XIV:9/15-17).

manutenção da honra da linhagem a que pertence diz respeito, afigurando-se, assim, plausível conceber no âmbito da Demanda do Santo Graal a existência do que Yvonne Robreau designa de "...*honneur de caste, collectif au sens où chaque individu à travers de sa propre conduite représente et défend l'ensemble du groupe, formé par la famille, (le lignage), dont l'individu se doit de consolider la dignité et la réputation glorieuse*"⁽¹⁸⁾. E se o facto de pertencer à linhagem do rei Bam funciona, em princípio, por si só, como sinónimo de ter como apanágio notável prestígio e mérito cavaleiresco, a verdade é que, isoladamente, cumpre ao cavaleiro nortear o seu comportamento segundo as coordenadas pelas quais se rege o grupo em que se insere, já que, quando tal não se verifica, se afasta da perfeição exigida aos que decidiram votar-se a laboriosa Demanda: a Demanda do Santo Graal.

6- O relevo assumido pela linhagem fica ainda bem patente num dos momentos a que o cavaleiro atribui importância sobeja: a sua entrada na cavalaria. O desejo expresso por Lançarot aquando da investidura de Galaaz é, de facto, a esse respeito bem revelador: "*Deos mande que seja a cavallaria/tam bem empregada em vos como em vosso linhagem*" (D.S.G., VII:4/14-15); Galaaz, por seu turno, em idêntico momento, enfatiza, com decisivo traço, a responsabilidade que a linhagem acarreta, quando exorta Mellias: "...*guardade que seja/empregada bem em vos a cavalleria, de guisa que a honra do vosso linha/gem seja por vos aventada*" (D.S.G., LXIII:42/26-28). Será, aliás, posteriormente, o próprio Mellias quem acentuará que a sua conduta deve orientar-se no sentido de enaltecer a linhagem a que pertence, ao prometer que tudo fará para que a sua linhagem obtenha honra (D.S.G., LXIII:42/31-33). Um outro exemplo prova que a linhagem exige do cavaleiro laborioso desempenho; assim, ao fazer Samaliel cavaleiro, Galaaz diz-lhe: "*Faze como sejas tam bõ cavaleiro que [a] alteza da tua/linhagem nom prenda deshonna en ta cavalaria*" (D.S.G., DXXXIV:365/35-36). Os exemplos aduzidos autorizam a afirmação de que "...*el caballero novel posee "a priori" en el momento de recibir la orden de la caballeria, un rango en el eje vertical de la sociedad que se halla determinado por su linaje, o sea, la posición social de sus antepasados...*"⁽¹⁹⁾, sendo posteriormente da sua responsabilidade orientar a sua conduta no sentido de acrescentar ou diminuir a honra da sua linhagem. Na verdade, se do cavaleiro se espera que possua ímpetus perfectivos que lhe permitam prosseguir na sua árdua busca, a linhagem põe em relevo a necessidade de que, pautando-se sempre por vigoroso empenho e esforço, o cavaleiro enfatize os atributos do grupo a

(18) Robreau, 1981:40. Note-se que a autora constata a presença desta "honra de casta" naquele que denomina de Lancelot-Graal, isto é, o vasto conjunto constituído "...par les romans arthuriens en prose, écrits vraisemblablement entre la fin du XII^e siècle et le dernier quart du XIII^e siècle (Robreau, 1981:1)

(19) Fogelquist, 1982:63.

que pertence, instigado pela preocupação de lhe acrescentar honra⁽²⁰⁾. Revela-se, assim, oportuno, neste contexto, o julgamento que Chênerie tece acerca desta última: "*L'honneur se forge dans une attitude active qui conditionne aussi l'itinéraire; il exige une disponibilité au risque et aux sollicitations de l'action; il impose de ne jamais tourner en arrière, de continuer plus loin et plus vite, en posant des questions, en choisissant la voie la plus droite, qui est bien sûr la plus difficile et par conséquent la plus noble*"⁽²¹⁾ (Chênerie, 1986:688). A citação é longa mas assaz reveladora. De facto, é exactamente esta atitude activa exigida pela honra que deve nortear o cavaleiro, implicando desde logo a escolha da difícil via que o poderá conduzir à almejada perfeição - requisito fundamental para atingir com sucesso a aventura maior que há-de ser a Demanda do Santo Graal.

7- Um outro aspecto de relevo deve ser considerado, tendo em vista a relação entre cavalaria e linhagem: o desconhecimento, por parte do cavaleiro, da linhagem a que pertence. De facto, Merauguis de Prolegues e Artur o Pequeno⁽²²⁾ ilustram sobremaneira a importância deste desconhecimento. Assim, o primeiro lança-se na Demanda do Santo Graal instigado exactamente pelo desejo de encontrar alguém que lhe revele a sua ascendência (D.S.G., CCLXXIX:201/24-25)⁽²³⁾; que o segundo é também movido por idêntico desejo é o que se depreende das expectativas que nutre em relação à corte do rei Artur, claramente expressas no seu discurso: "...*ali ei de seer certão de rem do mundo que mais desejo a saber, / e esto é de meu nome e de minha linhagem*" (D.S.G., CCXLII:174/23-24)⁽²⁴⁾. Essa busca revela já que, não conhecendo a linhagem a que pertence, o cavaleiro não possui identidade própria. Por outro lado, o facto de ambos os cavaleiros findarem tal busca com sucesso na corte do rei Artur (um toma conhecimento da linhagem por uma carta que a tia de Persival lhe enviara mas que é trazida por Estor à corte, e o outro pelo próprio monarca, seu pai) converte-a - para além de importante pólo a partir do qual os cavaleiros se lançam na

(20) Repare-se, pois, como, também neste caso, o julgamento tecido por Robreau anteriormente veiculado se reveste de pertinência.

(21) Chênerie, 1986:688.

(22) Sublinhe-se, a propósito, que Persival se recusa, aliás, em dado momento, a fazê-lo cavaleiro exactamente pelo facto de não saber a que linhagem pertence (D.S.G., CCXXXIV:168/1-4). Repare-se, por outro lado, que n' O Livro da Ordem de Cavalaria Lull não só atesta que "Linhagem e cavalaria condizem e concordam entre si, porque linhagem não é mais que continuada honra antiga, e cavalaria é ordem e regra que se mantém desde o começo no tempo que foi criada até agora, no tempo em que estamos" como também especifica qual o procedimento a adoptar pelo cavaleiro no que à entrada de novos elementos na Ordem de cavalaria diz respeito: "...se cavalaria tem tanta virtude que tu não lhe podes tirar a honra, nem aqueles que por linhagem lhe convêm, então tu não podes ter poder para fazer cavaleiro um homem de vil estirpe" (Lull, 1992:39).

(23) Conferir ainda a esse respeito D.S.G., CCLXXV:198/24-28

(24) Merauguis repetirá, posteriormente, diante do rei Artur, tal intenção "...ca nom ha rem no mundo que tanto desejo saber" (D.S.G., CCCLXIII:249/25)

aventura maior - em espaço privilegiado de conhecimento⁽²⁵⁾. É ainda necessário salientar que, já de posse da sua ascendência e partilhando, depois do aparecimento do seu nome nas "se·das" (D.S.G., CCCLVII:244/30-31; CCCLIX:246/7-8), da honra de pertencer à Távola Redonda, Merauguis e Artur o Pequeno passarão indubitavelmente a possuir responsabilidade acrescida no que à Demanda diz respeito.

8- Se os exemplos a que antes fizemos menção constituem já um vivo testemunho da importância que a ascendência assume para o cavaleiro, confirmando, pois, que a linhagem é elemento fulcral a considerar quando se pretende desenhar, a traço tão firme quanto possível, o perfil do cavaleiro n'A Demanda do Santo Graal, é também ao longo da obra, e à medida que os cavaleiros vão prosseguindo, com maior ou menor sucesso, o seu percurso de aventuras, que são fornecidos outros elementos que testemunham o peso assumido, em termos globais, pela sua ascendência. De facto, e se informações acerca da linhagem de alguns cavaleiros (Boorz e Lançarot por exemplo) são, por vezes, facultadas por ermitões (D.S.G., CLXVI:11/4-6; CCXVII:154/13-14), é por entre as aventuras que se vai descortinando que alguns cavaleiros são filhos de reis⁽²⁶⁾. Assim, Persival é filho do rei Pellinor (D.S.G., CCXXI:157/27); Ivam o Bastardo, filho do rei Briam (D.S.G., CLVI:102/30-31); Merauguis de Prolegues, filho do rei Mars (D.S.G., CCLXXVII:200/9); Samaliel, filho do rei Froila (D.S.G., DXLII:372/1); Artur o Pequeno, filho do rei Artur (D.S.G., CCCLXIII:249/33); Erec, filho do rei Lac (D.S.G., CCLXXV:198/11); Ivam, filho do rei Uriam (D.S.G., DXXXV:366/19) e Claudim, filho do rei Claudas da Deserta (D.S.G., CCXLIII:175/17-18). Que o facto de serem filhos de reis implicará, por seu turno, obrigações acrescidas no que à cavalaria diz respeito, fica além disso bem claro graças às palavras que Galaaz profere diante de Mellias quando o faz cavaleiro: "*Certas, pois que filho de rei chega a tempo/de receber ordem de cavallaria, deve-se de adiantar de bondade de/cavallaria e de toda proeza ante todo-los outros cavalleiros, assi como/faz o raio do sol sobre as strellas*" (D.S.G., LXIII:42/28-31). É, pois, sobejamente árdua a empresa que lhes está reservada.

Os elementos até agora aduzidos permitem já que se aponte globalmente para o facto de o cavaleiro que demanda o Graal, para além de pertencer a um grupo excepcional - a Távola Redonda⁽²⁷⁾ - ter muitas vezes uma elevada ascendência⁽²⁸⁾. Na realidade,

(25) Merauguis, aliás, diz ao rei Artur "Beenta seja esta casa, ca nunca l vem [homem] tam des/conseilhado que se en conselhado nom parta" (D.S.G., CCCLXIV:251/1-2).

(26) A rainha Genevra sublinha, mesmo, em relação a Lançarot que "...de todas as partes vem [de] reis e de rainhas e do mais alto linhagem/do mundo..." (D.S.G., XXXV:22/29-30).

(27) Note-se que o único cavaleiro referido que, embora participando na demanda, não pertence à Távola Redonda é Claudim.

(28) Há, porém, uma excepção a mencionar: Ellezer. Este cavaleiro, apesar de possuir, também, elevada ascendência - é filho do rei Pelles (D.S.G., CCCXCII:271/21) - é classificado

múltiplos exemplos ilustram com clareza o destaque conferido à linhagem do rei Bam; alguns cavaleiros são, por seu lado, filhos de reis; os que desconhecem a sua linhagem buscam-na incansavelmente, confirmando também o peso que esta assume para o cavaleiro. Em que medida todos estes elementos se conjugarão para garantir ao cavaleiro um maior ou menor sucesso na prossecução dos seus objectivos é o que, em momento oportuno, procuraremos descortinar.

9- Uma abordagem em torno da linhagem e predestinação exige, por outro lado, do nosso ponto de vista, que se confira especial destaque a dois dos cavaleiros que partem em busca do Santo Graal - Galaaz e Galvam. É que, se a linhagem se assume enquanto elemento fecundo no que à caracterização dos cavaleiros diz respeito, permitindo até glizar alguns dos princípios que regem a sua conduta, no caso de Galaaz e Galvam é graças à simbiose entre a linhagem e a predestinação que se opera um dos contrastes mais expressivos e de mais interesse no âmbito d'A Demanda do Santo Graal. Consideremos, em primeiro lugar, aquele que apontamos como predestinado ao Bem - Galaaz -, já que *"...sen falha a maior parte da demanda foi sua"* (D.S.G., DXXIII:359/6). É, sem sombra de dúvida, aquele cuja linhagem se agiganta perante os demais. De facto, seu pai, Lançarot do Lago, *"...de todas as partes vem d[e] reis e de rainhas e do mais alto linhagem/do mundo"* (D.S.G., XXXV:22/29-30); é, ainda, *"...postumeiro da linhagem de Naciam..."* (D.S.G., LV:37/11) e neto do rei Peles (D.S.G., CCCXCI:270/3-4), o Rei-Pescador do Castelo de Corberic, onde está o Santo Graal desde o tempo de José de Arimateia, antepassado de Peles⁽²⁹⁾. Que o facto de pertencer a nomeada linhagem não deve ser encarado como elemento isolado, mas em harmoniosa associação com a predestinação, é o que se depreende claramente do discurso daquele que acompanhará Galaaz, durante algum tempo, ao longo do seu percurso - o ermitão. Na realidade este último, antes da Demanda começar, confere-lhe logo o estatuto de predestinado ao assegurar-lhe que *"dará cima"* a todas as maravilhas e aventuras em que os restantes cavaleiros não obtiveram nem nunca obterão sucesso (D.S.G., V:3/27-28). Posteriormente, diante do rei Artur, logo após a misteriosa entrada de Galaaz no paço⁽³⁰⁾, o ermitão reforçará sobremaneira tal estatuto (D.S.G., XVI:10/28-30), não deixando de ser relevante que o monarca o considere, imediatamente a seguir, como *"...o que ha de dar cima a as aventuras do*

por Galaaz como *"...viçoso e folgado..."* (D.S.G., CCCXCV:273/6), não pertencendo, pois, ao grupo dos *"...cavaleiros estranhos que noite e/dia andam em afam buscando as aventuras do regno de Logres"* (D.S.G., CCCXCV:273/6-7).

(29) Saraiva, 1990:65.

(30) De facto, *"...nom ouve no paço que podesse entender/por u Galaaz entrara, ca em sua vinda nom abriram a porta nem ouvi/rom ablr nem freesta"* (D.S.G., XVI:10/22-24).

Santo/Graal" (D.S.G., XVI:10/32-33)⁽³¹⁾. Dois importantes indícios contribuirão, ainda, *ab initio*, para acentuar que Galaaz é um predestinado: é que, tal como afiança Lançarot, ele conseguiu sentar-se na "*seeda*" perigosa e retirar a espada da pedra que flutuava no mar, elevando-se, pois, acima de todos os cavaleiros da Távola Redonda (D.S.G., XXIII:15/7-9)⁽³²⁾. Mas se o facto de lhe ter sido exclusivamente destinada missão sobremaneira árdua fica bem patente através do discurso daquele com quem mais fortemente contrasta - Galvam⁽³³⁾ -, tal ficará ainda evidente quando, e já após o início da Demanda, dá cumprimento com sucesso à "*aventura do mosteiro*" (D.S.G., LXIII:39). Na realidade, um "*homem bõo*" garante a Galaaz não só que Deus o escolheu para "*desfazer*" as "*graves aventuras*" (D.S.G., LX:40/31) para que se saiba "*...como vierom e por qual guisa foram começadas*" (D.S.G., LX:40/32), como também que muitos haviam já profetizado que "*...ja mais as aventuras do regno de Logres nom/averiam cima...*" (D.S.G., LX:41/1-2) até à sua chegada. Verifica-se, pois, que a Galaaz, para além da alta linhagem que possui - que o configura, desde logo, enquanto elemento que se destaca perante os demais - lhe é atribuída responsabilidade considerável no que ao dar cumprimento a um ciclo de aventuras por todos esperado diz respeito - o que o coloca, também, num plano superior em relação aos que o rodeiam. Tal responsabilidade será, aliás, múltiplas vezes enfatizada ao longo de toda a Demanda. De facto, inúmeros testemunhos confirmam que é a Galaaz que cabe "*dar cima*" às aventuras do reino de Logres. Assim, os cavaleiros que se encontram em Camaalot honram-no quanto podem pois sabem que só ele terá sucesso nas aventuras em que se lançar (D.S.G., XVIII:11/20-21); um cavaleiro que pede para ser morto pelas suas mãos e ameaça posteriormente matá-lo perante a sua recusa, ficando espantado com a coragem que demonstra afiança-lhe: "*...tu/acabarás as aventuras do regno de Logres, ca te vejo esforçado que/nunca cuidei veer homem tanto*" (D.S.G., XLV:30/20-22); até frades junto dos quais a ventura o conduziu (D.S.G., XLVII:31), ao tomarem conhecimento de que o escudo tão ambicionado pelo rei Bam de Maguz é destinado a Galaaz, ficam com a certeza de que graças a ele serão "*...acabadas as aventuras maravilhosas/do regno de Logres*" (D.S.G., L:33/34-35); Tristão (D.S.G., XXIII:15/6), Estor (D.S.G., CCLIII:183/9-10;

(31) Note-se, ainda, que os cavaleiros da Távola Redonda reconhecem que, tendo Galaaz chegado à corte, a demanda do Santo Graal "*...se começará logo*" (D.S.G., XIX:12/25), confirmando, aliás, o que o ermitão vaticinara (D.S.G., V:3/18-19).

(32) Repare-se, a propósito, que se Lançarot se recusara a retirar a espada (D.S.G., XI:7/19-21 e 26-27) enquanto Galvam "*...tirou-a o mais que pode, mas nunca cuidou que a pudesse sacar da/pedra...*" (D.S.G., XII:8/3-4), Galaaz "*...tirou-a tam ligeiramente como se nom levesse em rem...*" (D.S.G., XIX:13/9). O rei Artur, por seu lado, quando ele se senta na "*seeda perigosa*" conclui de imediato que "*...aquelle era o cavalleiro por que seriam acabadas as aventuras/do regno de Logres...*" (D.S.G., XVII:11/9-10).

(33) Este assegura que caberá a Galaaz "*...lvrar a terra da[s] grandes maravilhas e das/estráias aventuras que tanto a meude vem e de tam longo tempo*" (D.S.G., XIX:12/27-28).

CCCLVI:243/20) e Atamas (D.S.G., DLXXX:398/17-18) corroboram semelhante juízo; algumas donzelas (D.S.G., CCCXXIX:228/22-23; CCCXXVI:287/32 e 288/1; DXI:352/7-8)⁽³⁴⁾ e donas (D.S.G., CCXXII:159/20; CCCC:276/16-17) confirmam-no também⁽³⁵⁾. A profusão de exemplos mencionados constitui, na verdade, prova evidente de que estamos perante um invulgar cavaleiro, cuja missão se revela distinta da dos demais. Galaaz é, de facto, o predestinado há muito esperado por todos⁽³⁶⁾ para "dar cima" às "aventuras maravilhosas" (D.S.G., XIX:12/34-35) a que os restantes cavaleiros são incapazes de dar cumprimento.

Um outro aspecto importante acentua, aliás, este seu carácter de predestinado: a estreita conexão que se pode estabelecer entre ele e Deus. O discurso do ermitão, no início da Demanda, aponta claramente para tal:

"...set que em nosso tempo nunca/ fez tam fremosos milagres nosso Senhor nem tam conhecidos como fará/ por ti. Esto quero eu melhor saber por ver as grandes aventuras e mila/ gres que Deos por ti fará. E meterel em scrto toda-las maravilhas que/ Deos mostrará por teu amor" (D.S.G., V:3/32-37; sublinhado nosso).

Galaaz surgirá, posteriormente, como o enviado por Deus (D.S.G., XIX:12/23-24 e 26-27) que o escolheu como "...seu sargente antre/todo-los cavalleiros terreaes..." (D.S.G., XXXIV:22/15-16)⁽³⁷⁾, para lhe cometer uma missão tão complexa quanto fecunda; por outro lado, é o "alto mestre" que lhe "manda" que faça uso de um escudo (D.S.G., XLIX:32/36 e 33/1) exclusivamente a ele destinado (D.S.G., XLIX:32/30-32; LV:37/13-14 e 26-27)⁽³⁸⁾, revestindo-se, além disso, de singulares características (D.S.G., LIII:35-36; LIV:36); uma espada invulgar, a

(34) Repare-se, aliás, que uma donzela "guarecerá" quando vier o cavaleiro que "...acabarál/ as venturas do regno de Logres" (D.S.G., CCCCVI:280/34-35).

(35) Conferir ainda D.S.G., CCCXXV:299/29-32 (referência alargada a Boorz e a Persival).

(36) Assim se compreende que receba a designação de "...cavalleiro desejado..." (D.S.G., XVI:10/28); que o rei Artur lhe confesse "...muito tempo ha que vos desejei a veer..." (D.S.G., XIX:12/30); que um "homem boô" lhe diga que era esperado há muito (D.S.G., LX:41/1) e que seja ainda apontado como o tão esperado cavaleiro capaz de curar uma "dona sandia" (D.S.G., CCCXCIX:275/35).

(37) Note-se, a propósito, que o cavaleiro que lhe pedira que o matasse (ainda antes da partida em demanda do Santo Graal) o designara de "...bem aventurado cavalleiro e scolheito/sobre todos aqueles que trouxerom armas na Gram Bretanha..." (D.S.G., XLV:29/18-19). Um outro cavaleiro, o "cavalleiro das armas brancas", que enviou o escudo a Galaaz, considera-o, por seu lado, "...o scolheito a que nom ha par antre todos os caval/leiros que ora sam nem foram gram tempo ha" (D.S.G., LI:34/24-25). Além disso, o "homem boô" que explica a Galaaz a "aventura do mosteiro" aponta-o também como aquele que Nosso Senhor escolheu "...sobre todo-los outros cavalleiros..." (D.S.G., LX:40/29-30).

(38) Repare-se, aliás, que "...as ma[as] aventuras e as grandes avlerom aos cavalleiros, que por seu/f(r)ol ardimento..." (D.S.G., LV:37/25-26) quiseram anteriormente apoderar-se do escudo. Maria Gabriela Bucescu considera, por seu lado, que este último "...anuncia o aspecto da predestinação de Galaaz que surge, efectivamente, como o Cavaleiro Perfetto e desejado" (Bucescu, 1991:169).

"*espada-da-estranha-cinta*", a melhor espada do mundo (D.S.G., CCCCXVIII:288/29), é-lhe também concedida após dirigir humilde oração a Deus (D.S.G., CCCCXVIII:288/20-22)⁽³⁹⁾.

Galaaz reúne, pois, notável manancial de condições que, favorecendo nitidamente o sucesso da difícil empresa a que decidiu votar-se - a Demanda do Santo Graal - consolidam o seu estatuto de predestinado. E se os elementos até agora aduzidos permitem ajuizar da importância que este cavaleiro poderá assumir enquanto elemento sobremaneira activo na prossecução de um objectivo comum à comunidade onde se integra - "*dar cima*" às aventuras do reino de Logres - é, de facto, graças àquele que se coloca nos seus antípodas - Galvam - que surge superiormente engrandecido. Na verdade, aquele que apontamos como predestinado para o Mal aparecerá, desde o início, como merecedor de tal estatuto. Assim, se a Galaaz estavam destinadas quer a espada que com facilidade retirou da pedra, quer, posteriormente, a "*espada-da-estranha-cinta*" (pela qual se confirmou, uma vez mais, tratar-se do melhor cavaleiro do mundo), será também graças a uma outra espada - trazida, desta feita, à corte do rei Artur por uma donzela - que se poderá constatar que Galvam é "*...aquele/que fará a maravilha de matar cavalleiros*" (D.S.G., XXX:19/10-11). De facto, se este último, ao retirar a espada da bainha, verifica que está toda coberta de sangue como se tivesse sido retirada de uma ferida ou do corpo de um homem (D.S.G., XXX:19/24-26), confirma indubitavelmente que a sua partida se poderá revestir de consequências nefastas para todos os outros⁽⁴⁰⁾. Isso mesmo será ainda enfatizado pela donzela portadora da espada quando garante ao rei Artur que o seu sobrinho prejudicará de tal forma os cavaleiros ali presentes que não chegará toda a sua linhagem para reparar tal Mal (D.S.G., XXXI:19/31-33). Além disso, graças a uma donzela "*laida*" poder-se-á obter a confirmação de que se de Galaaz se espera que sempre pactue com o Bem, dando cumprimento às "*aventuras maravilhosas*", a Galvam estão, ao contrário, destinadas "*maas aventuras e doorosas*" (D.S.G., XLIV:29/8). Assim, no castelo de Negam, onde os cavaleiros que iam demandar a aventura do Santo Graal (D.S.G., XLIII:28/5) são acolhidos, a donzela "*laida*" corrobora firmemente a acusação primeira que lhe havia sido feita antes de iniciada a Demanda, acusando-o vigorosamente ao mesmo tempo que lhe contrapõe Galaaz:

"Sabe que dom Galaaz que aqui see - este é ora o milhor caval/leto do mundo - nom fará tanto bem a esta demanda como tu farás de/mal, ca tu por tua mão, que em mao ponto fllhaste a espada, matarás/em XLIII

(39) Persival e Boorz tentam primeiramente, a pedido de Galaaz, retirar a espada do leito onde se encontra mas ambos falham (D.S.G., CCCCXVIII:288/14-18).

(40) Assim, a espada tem o papel de "...profetizar os males que advirão na Demanda se o Mau Cavaleiro, Galvão, nela participar" (Buescu, 1991:163).

destes teus companheiros, ataes que valem mais ca tu de/cavallarta'
(D.S.G., XLIII:28/20-24; sublinhado nosso).

Se tal afirmação constitui já um testemunho concludente da predestinação de Galvam para o Mal, será ainda quando a mesma donzela se dirige ao rei Bam de Maguz que se reafirmará que Galvam "...tanto mal fará que mais valera que ainda ouvesse por/naçer; ca por suas armas seeram depois da sua morte mais de C annos/muitos regnos orfãos de bõos cavalleiros e senhores" (D.S.G., XLIV:29/4-6). Os exemplos apresentados permitem-nos assim inferir que, embora pertencendo a elevada linhagem - a linhagem do rei Branco (D.S.G., XXXIX:25/22) - e sendo sobrinho do rei Artur, Galvam nem por isso deixa de ser um predestinado para o Mal, não constituindo, pois, a sua nomeada linhagem, condição suficiente para levar a bom termo a Demanda que decidiu iniciar. Graças à predestinação, poderá assim apontar-se, logo de início, o caminho que Galvam trilhará, o mesmo sucedendo, aliás, no que diz respeito ao que de si tanto se distancia - Galaaz -, pois o estatuto de predestinado que, desde logo, é conferido a este último (aliado à sua tão nomeada quanto santa linhagem) não deixa margem para dúvidas: está-lhe reservado ser bem sucedido em "...tam alta demanda..." (D.S.G., XXXVIII:24/24).

10- Se, ao equacionarmos a relação que na Demanda se pode estabelecer entre a conduta do cavaleiro e a linhagem a que pertence, salientámos o facto de o primeiro poder contribuir para o enaltecimento ou descrédito da segunda, importa ainda destacar que Galvam e Galaaz constituem também dois bons exemplos de que tal acontece. Que a conduta adoptada pelo cavaleiro terá, sem dúvida, repercussões em toda a sua linhagem é o que, na verdade, se depreende do julgamento feito pelo rei Artur, ao tomar conhecimento da forma como Galvam matou Erec (D.S.G., CCCXLIII:235); assim, sublinhando a conduta desleal do primeiro, o monarca conclui: "*Elle [confundeo]-se e todo seu linhagem sera refcreudo*" (D.S.G., CCCLV:242/11-12)⁽⁴¹⁾, apontando, aliás, que tal acto poderá ter como resultado último a perda da "*seeda*" da Távola Redonda. Testemunho deveras concludente de que as consequências da conduta pela qual o cavaleiro se norteou podem ser sobremaneira nefastas para a linhagem em que está inserido é, por outro lado, fornecido por uma das vozes autorizadas no âmbito da Demanda - um "*homem bõo*". De facto, a recriminação com que este último contempla Galvam em virtude do acto que cometeu - conduziu à morte o rei Bam de Maguz - é por demais elucidativa:

(41) Repare-se, aliás, que quando Estor sabe que Erec foi ferido por Galvam "...orou-lhi multa maa ventura a el/e a todo seu linhagem" (D.S.G., CCCXLVII:237/27-28).

"Mal fizestes que/o malastes, ca por esta morte tornarâm tantas terras em pobreza e em/destroimento que vos nem toda vossa linhagem nom podertades cobrar/o dano que ende averá" (D.S.G., CCLXXI:196/10-13).

A conduta de Galvam terá, ainda, consequências bastante nocivas não só para um dos cavaleiros que maior labor desenvolve na Demanda - Persival -, como também para toda a sua linhagem. Assim, e já que matou o irmão deste último, Lamorac, *"...por treçom..."* (D.S.G., CXXX:83/31), Galvam é também o único responsável pelo dano causado a tal linhagem, antes prestigiada (D.S.G., CCXXI:158/16-18).

Se Galvam constitui um vivo testemunho da forma como o cavaleiro pode contribuir para o descrédito da linhagem a que pertence, aquele que se coloca nos seus antípodas enaltece sobremaneira o grupo em que se insere. Um bom exemplo que o confirma é fornecido, mais uma vez, por intermédio do discurso de uma personagem - o rei Carados. De facto, este, espantado com as *"maravilhas darmas"* (D.S.G., CCCCLXXVI:326/27) que vira fazer a Galaaz, libertando-o dos seus inimigos, assegura-lhe: *"Semelhamme que o linhagem de rei Bam u ha os melhores/cavaleiros do mundo nom se avilará por vos"* (D.S.G., CCCCLXXVI:327/20-21), atestando assim que o seu valor está de acordo com a sua linhagem. Do mesmo modo, depois de Galaaz ter empreendido meritória acção, afastando do castelo de Corberic a presença do demo que se fixara num encantador (D.S.G., CCCXC:270), o rei Peles, exprimindo o seu regozijo, sustenta: *"Beento seja o Santo Spirito que nos deu tal homem em nosso/linhagem!"* (D.S.G., CCCXCI:271/3-4), acentuando, pois, a importância de que se reveste a relação do cavaleiro com o grupo em que está inserido. Face aos exemplos apresentados, julgamos, pois, ser legítimo concluir que Galaaz e Galvam, embora possuindo unicamente em comum o poder de exercerem no leitor considerável fascínio, despertam neste último idêntico desejo de prosseguir com ambos, passo a passo, pelo trilho que as aventuras lhes vão marcando.

11- A reflexão que vimos fazendo em torno da linhagem e da predestinação, permitiu, em nosso entender, que ficasse bem patente que ambas se revelam poderosos mananciais a explorar. Na realidade, julgamos ter demonstrado que o facto de o cavaleiro pertencer a determinada linhagem deve ser encarado como elemento importante a considerar na sua caracterização, tanto mais que a conduta que individualmente adopta, ao longo do seu percurso, tem sem dúvida repercussão no grupo em que está inserido. Deixámos, além disso, provado que aquela que demonstrámos ser tão prestigiosa quanto invejada - a linhagem do rei Bam - assume indiscutível peso no âmbito da Demanda *"...das puri/dades e das cousas ascondidas de nosso Senhor..."* (D.S.G., XXXIV:13-14), reunindo excepcionais características. Finalmente, e dado que denunciámos o contraste entre o predestinado para o

Mal - Galvam - e aquele que se lhe opõe - Galaaz - foi-nos possível equacionar a importância de que se reveste a predestinação face à exigente busca que os cavaleiros empreendem. Ficaram, deste modo, criadas as condições para podermos considerar a linhagem e a predestinação como parte relevante de um vasto lastro teórico que é indispensável considerar quando está em causa aquele que, lançando-se decisivamente na aventura, deixou "...como legado precioso para o espírito do ocidente, a imorredoura expressão da busca incessante do homem que tenta ultrapassar-se a si mesmo, insatisfeito pelas limitações e obscuridades do quotidiano"⁽⁴²⁾.

Bibliografia

- BUESCU, Maria Gabriela. *Perceval e Galaaz, cavaleiros do Graal*. Lisboa, ICALP, 1991.
- CIÈNERIE, Marie-Luce. *Le chevalier errant dans les romans arthuriens en vers des XII^e et XIII^e siècles*. Genève, Droz, 1986.
- CIRLOT, Victoria (ed.). *Perseus ou El Alto Libro Del Graal*. Madrid, Ediciones Srucla, 1987.
- DUBY, Georges. *A Sociedade Cavaleiresca*. Lisboa, Editorial Teorema, 1989.
- FOGELQUIST, James Donald. *El Amadis y el género de la historia fingida*. Madrid, José Porrúa Turanzas Editores, 1982.
- FRAPPIER, Jean. "Le Graal et la Chevalerie", in *Romania*, tomo LXXV, pp.165-210, 1954
- MATTOZO, José. *A nobreza medieval portuguesa*. Lisboa, Editorial Estampa, 1981.
- MOISÉS, Massaud. "A concepção medieval da vida expressa "Na Demanda do Santo Graal", in *Investigações*, nº30, pp.99-110, 1951.
- PIEL, Joseph-Maria (ed.). *A Demanda do Santo Graal*. Lisboa, IN CM, 1988.
- RIQUER, Martin de (ed.). *Li Contes du Graal ou El Cuento del Grial*. Barcelona, El Festin de Esopo, 1985.
- ROBREAU, Yvonne. *L'Honneur et la Honte*. Genève, Droz, 1981.
- SARAIVA, António José. *O Crepúsculo da Idade Média em Portugal*. Lisboa, Gradiva, 1990.
- ZUMTHOR, Paul. *Essai de Poétique Médiévale*. Paris, Editions du Seuil, 1972.

(42) Mattoso, 1981:364.